Luiz Carlos Alvim Dusi

Esperança concretizada de um futuro melhor

Arquivo pessoal

LUIZ COM A ESPOSA E AMIGOS, NO AINDA DESCAMPADO DE BRASÍLIA, A CAMINHO DO AEROPORTO

BIANCA CHIAVICATTI
ESPECIAL PARA O **CORREIO**

A carreira de advogado não oferecia grandes oportunidades no Rio de Janeiro. Com o mercado saturado, Luiz Carlos Alvim Dusi, 71 anos, acredita que, se tivesse permanecido na Cidade Maravilhosa, nem tão cedo conseguiria tornar-se procurador. Mas a nova capital prometia progresso. Chances grandes de crescimento e sucesso profissional para aqueles que arriscassem enfrentar as dificuldades de uma cidade recém-inaugurada, construída no Centro-Oeste, uma região até então pouco conhecida pelos brasileiros.

Dusi trabalhava como auxiliar de procurador na Procuradoria do Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Industriais (IAPI), no Rio de Janeiro, quando o órgão abriu inscrições para os voluntários que quisessem partir para o novo Distrito Federal. Por coincidência, a lista havia sido aberta para preenchimento logo depois de o advogado ter conhecido Brasília, em janeiro de 1960. "Me empolguei com o ritmo de trabalho daqui", conta. "A cidade não parava, e até de madrugada os candangos permaneciam trabalhando para que Juscelino Kubitschek inaugurasse a capital no tempo programado", completa.

Mesmo com os benefícios oferecidos às pessoas que aceitassem mudar-se para cá — salário em dobro e moradia barata —, muita gente não acreditava na consolidação da nova capital. Dusi não imaginava o desenvolvimento que a cidade atingiria 44 anos após sua inauguração, mas apostava no projeto de JK. "Até então, os governantes investiam apenas no litoral do país", diz. "Eu também tive algumas dúvidas, mas achava o projeto de JK maravilhoso", conclui. O maior opositor da mudança da capital para o interior chamava-se Carlos Lacerda. "Na época da construção da Belém—Brasília, por exemplo, Lacerda criticou o projeto duramente, dizendo que a rodovia levaria o nada a lugar nenhum."

A mudança para o Planalto Central foi um presente de aniversário para o advogado. No dia em que completava 28 anos de idade (20/05/60), Dusi e os colegas Sully Alves de Souza e Flávio Laburió Barroso (falecido) deixaram o bairro do Leblon, no Rio, a bordo de uma Kombi em direção ao Distrito Federal. A viagem demorou três dias. Aqui, Dusi continuaria auxiliando a procuradoria do IAPI, que contava ao todo com quatro procuradores em Brasília. No início, a Comarca de Planaltina tinha jurisdição aqui, fazendo com que o advogado se deslocasse para a cidade algumas vezes. "Uma semana após minha chegada, fui até lá", recorda. "Lembro que ainda não havia a ponte do Braguetto porque o lago ainda não havia enchido por completo."

Coréia

No Rio de Janeiro, Dusi já era noivo de Marilda Nepomuceno, mas a partida não causou problemas ao casal. "Ela também era advogada e me incentivou bastante porque as perspectivas de trabalho lá eram mesmo ruins", afirma. Até o casamento dos dois, em setembro de 1960, Dusi morou em um dos apartamentos do IAPI na quadra 410 Sul. "Na época, a quadra chamava-se Superquadra Dupla (SQSD)", revela. A SQSD 409/410 Sul era apelidada pela população local de Coréia, fruto de uma comparação do Eixão ao Paralelo 17 da Guerra travada naquele país.

Diferentes dos apartamentos JK (janela e kitinete), que ficavam na quadra vizinha, os apartamentos do IAPI tinham dois quartos. Por causa disso, Dusi pôde receber o irmão, o médico Maurício Dusi, e a família, que se mudaram para cá na semana seguinte a sua mudança. "O berço do meu sobrinho era improvisado em um baú de roupas", diverte-se.

Na mesma época, cerca de 150 funcionários do instituto mudaram-se para a quadra por determinação de JK, que queria todos os representantes das administrações dos órgãos públicos instalados definitivamente na nova capital.

A quadra 410 era um canteiro de obras. A energia elétrica era provida por um gerador que ficava ao lado do apartamento de Dusi: "Só tínhamos luz entre 6h e 24h, mas eu preferia ficar no escuro do que ouvir o barulho do gerador funcionando".

do Rio de Janeiro, em 1960, com a esperança de se tornar procurador onal foi realizado, assim como a alegria de constituir família

OS SONHOS REALIZADOS NA CAPITAL SÃO DIVIDIDOS E VIVENCIADOS COM A MULHER E OS FILHOS

O escritório do IAPI ficava no início da quadra 409, no antigo bloco 33. Dava para ir a pé, mas como era encarregado de fazer trabalhos na rua, Dusi ficava com a caminhonete do órgão à sua disposição. "A lama era tanta na porta de casa, que várias vezes era impedido de sair no horário planejado porque o automóvel estava atolado", revela.

Depois do casamento, realizado no Rio, Marilda e Dusi viveram juntos na 410 Sul por três anos. Antes da chegada da esposa, Dusi almoçava na 104 Sul, na cantina do acampamento do IAPFESP, outro instituto responsável por algumas construções em Brasília. Com a vinda de Marilda, o casal passou a receber marmitas de uma senhora, D.Maria (não se recorda do sobrenome), com quem mantiveram contato por vários anos.

Desconfiança

Depois da inauguração de Brasília, o ritmo das construções aqui diminuíram. Isto era perceptível para todos que aqui viviam. As críticas à mudança da capital federal nos outros estados continuavam. Dusi recorda de um engenheiro do Rio de Janeiro que disse na imprensa que o Lago Paranoá nunca encheria porque o terreno daqui era muito poroso. Em maio, o lago atingiu a cota mil.

Outro caso, mais engraçado, diz respeito à instalação da telefonia aqui. Um inimigo de JK, Gustavo Corção, disse que seria impossível fazer uma ligação telefônica de Brasília para o Rio. "Comentava-se que a primeira ligação originada aqui foi para a casa dele", brinca.

De fato, Brasília demorou a ser concluída após a saída de JK. Até o final da década de 60, Dusi conta que a W3 ainda estava incompleta. Apenas uma parte era iluminada. O comércio das quadras 409 e 410 Sul, por exemplo, só começou a ser ocupado a partir da década de 70. A avenida L2 Sul, por algum tempo, era pouco utilizada. "Quando me mudei para cá, a avenida era apenas uma pista dupla, muito diferente de hoje", descreve.

O desenvolvimento de algumas áreas de Brasília, como o Lago Norte, por exemplo, por vários anos foi desacreditado. Quando o primeiro loteamento dali foi lançado, os terrenos eram vendidos em 36 vezes sem juros, a preços muito baratos, e era difícil arrumar quem comprasse. "Eu tinha dinheiro na época para fazer o negócio e não quis", arrepende-se.

Mesmo assim, Dusi só teve medo de que a cidade não se consolidasse quando Jânio Quadros assumiu a Presidência da República, em janeiro de 1961. "Parecia que ele não gostava de Brasília", acredita. Em 1964, entretanto, o medo desapareceu, pois era mais seguro para os militares manter a capital no interior. Mas a consolidação do Distrito Federal, na sua opinião, só aconteceu em 1970, com a transferência do Ministério das Relações Exteriores para cá.

Convivência

Nos primeiros 10 anos de Brasília, a convivência entre os moradores da cidade era muito próxima. Nos sábados, todos se encontravam na Cidade Livre. Todas as repartições públicas levavam seus funcionários para lá, pois era o local onde faziam-se as compras de comida e outros produtos. Com poucas opções de lazer, todos se encontravam nos poucos clubes inaugurados e nos dois primeiros cinemas da cidade: Cultura, na W3 Sul, e Brasília, no mesmo local onde até hoje permanece.

Havia também a cultura da carona. "Da mesma forma que hoje todos param para os pedestres atravessarem na faixa, naquele tempo todos ofereciam carona para quem precisasse de transporte", conta Dusi. "O transporte público de Brasília sempre foi ruim, as concessionárias de automóveis ganharam muito dinheiro aqui", completa.

Com o crescimento da cidade, Dusi acha normal as famílias terem se distanciado um pouco. "Passamos a nos dedicar mais aos filhos e netos", justifica. Mas o pioneiro mantém amizades antigas, com pioneiros como ele. Sully, Celso Dávila, Milton Rabelo e Jorge Gouvêa são alguns deles.

Depois de três anos no IAPI em Brasília, Dusi foi nomeado procurador, realizando o sonho de profissão de quando vivia no Rio de Janeiro. Permaneceu no órgão até 1986, tendo ocupado o cargo de chefe do Serviço Jurídico por cinco anos. Entre 1975 e 1987, também foi presidente da Junta de Recursos da Previdência Social do DF. De 1969 a 1987, trabalhou ainda como professor de Direito Processual Civil do Centro de Ensino Unificado de Brasília — Ceub. Apesar de não ser o advogado mais antigo da cidade, sua inscrição como membro da Ordem dos Advogados é hoje a mais antiga de um profissional ainda vivo — número 6.

> "A CIDADE NÃO PARAVA, E ATÉ DE MADRUGADA OS CANDANGOS PERMANECIAM TRABALHANDO PARA QUE JUSCELINO KUBITSCHEK INAUGURASSE A CAPITAL NO TEMPO PROGRAMADO"

Raio X

Nome:
Luiz Carlos Alvim Dusi
Origem:
Guarani, Minas Gerais
Idade:
71 anos
Ano de chegada a Brasília:
1960
Profissão:
Advogado
Esposa:
Marilda Nepomuceno Dusi
Filhos:
André Nepomuceno Dusi e Marta Nepomuceno Dusi
Netas:
Roberta, Laura, Rafaella, Luiza e Júlia